

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 7.º

15 DE MARÇO DE 1848.

N.º 78

## BIOGRAPHIA DO DOUTOR MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA.

Nasceu este litterato brasileiro na cidade de S. Joaõ d'ElRei, da provincia de Minas Geraes. Foi seu pae o musico Ignacio da Silva, que amante das bellas artes fez aproveitar nas aulas dessa cidade os claros indicios dos talentos de seu filho, applicando-o a todos os estudos com que depois honrasse a patria e a litteratura brasileira. Manoel Ignacio concluiu, tanto em S. Joaõ d'ElRei, como no Rio de Janeiro, os seus estudos preparatorios; e porque entaõ nenhum estudante podia adiantar a marcha dos seus estudos sem procurar fóra da patria os conhecimentos necessarios ao desenvolvimento do genio; e Coimbra era para os portuguezes o que Athenas fóra n'outro tempo para os Gregos, isto é, o ponto central do ensino das lettras e sciencias que se cultivavaõ em todo o reino, passou Manoel Ignacio a esse grande Licêo, e começou a ser respeitado por seus talentos applicando-se ao estudo de Jurisprudencia em que depois se graduára, e enriquecendo o seu espirito com as luzes de diversos ramos

de litteratura, que o tornaraõ celebre.

Começara elle os seus estudos maiores em Coimbra, quando o Marquez de Pombal reformou aquella universidade, e Manoel Ignacio aproveitando taõ opportuno ensejo compoz e publicou excellentes poesias, pelas quaes se conheceu que já da patria levava grande cabedal de litteratura e depurado gosto, adquirido não só nas aulas que frequentára, mas ainda da aturada applicação em seu gabinete. A ode á mocidade portugueza por occasiaõ desta reforma; o poema herci-comico intitulado o *Desertor das lettras*, que por ordem do Marquez fóra impresso contra a vontade do seu auctor porque ainda o não havia sufficientemente corrigido, deraõ-lhe creditos de litterato, e o descobriraõ distincto poeta.

Recebido o grau de bacharel formado em direito, regressou elle a Lisboa onde o estudo das bellas lettras e a communicação com os homens mais grados em saber de tal

sorte pungirão a sua emulação, e arrebatarão o seu genio, que elle foi respeitado pelos litteratos como um dos bons poetas que ainda fazem conhecido na republica das lettras o reinado de D. José com o ministerio do marquez do Pombal. As suas poesias, inaugurando-se a estatua equestre daquelle rei, dão-lhe distincto lugar entre os homens de tetras, que então se esmerarão em suas composições. Apesar do prejuizo que dominava a côrte portugueza sobre o accidente da côr parda, Manoel Ignacio era convidado ás mais brilhantes sociedades, e nellas acolhido com particular estimação e respeito, que lhe mereciaõ as suas raras e brilhantes qualidades. Elle fazia o encanto e a admiração dos que o communicavaõ, ou pelos seus discursos facetos eruditos, e ricos de ajuisada critica, ou pelas suas poesias, em que a uma fertil imaginação se juntava o desempenho dos preceitos dos melhores mestres, ou finalmente pela dexteridade e gosto com que na roda dos seus amigos tangia uma rebeca, exercicio a que se afeiçoára desde menino, seguindo as instrucções de seu pai. Algumas das suas poesias dirigidas ao seu patricio e amigo José Basilio da Gama, então favoreido do marquez de Pombal, e empregado em seu gabinete, fazem ver que o merito litterario ligava em particular estimação estes dous poetas, que tanto honraõ ás musas brasileiras.

Manoel Ignacio voltou ao Brasil e descansou algum tempo na sua patria seguindo a profissao de advogado, e

ao mesmo tempo ensinando gratuitamente rhetorica aos estudâtes seus patricios, cujos talentos houve que devia aproveitar por um trabalho que tanto se casava com o seu amor ás bellas lettras. Sem nunca esquecer-se do seu amigo José Basilio da Gama, remetteu-lhe do Brasil a composição metrica, intitulada *Templo de Neptuno*, como derrota da sua viagem maritima; e logo depois a intitulada *Gruta Americana*, que foraõ impressas no *Parnaso Brasileiro*. Manoel Ignacio passou de S. João d'ElRei ao Rio de Janeiro por ter sido despachado, da côrte, professor regio de rhetorica e poetica; abriu o seu primeiro curso na presença das pessoas mais gradas do Rio de Janeiro em agosto de 1782, encontrou particular estimação no vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, decidido protector dos litteratos brasileiros, acolhendo-os em partidas de poesia e musica no seu palacio, e animando-os em uma academia litteraria, da qual em seu governo alguns trabalhos apparecerão, e se derão á luz em Lisboa.

Parece que a providencia quizera contrastar o brilhante vice-reinado de Vasconcellos com o taciturno do Conde de Rezende; que lhe succedêra, pois que á franqueza e jovialidade daquelle seguiu-se a desconfiança e melancolia deste. A inveja então acastellada nos claustros, ralando-se pela inveja de ver roubarem-se-lhe os louros das sciencias, que os frades ainda queriaõ exclusivamente monopolisar, apesar das sabias dis-

posições do marquez de Pombal, aproveitou a occasião; e interessando em sua baixa vingança a imbecillidade de um vice-rei suspeito, inclinado a ver como insulto á sua pessoa a falta de elogios tão justamente offerecidos ao seu antecessor, pintou como criminosos aquelles que por suas letras illustravão a patria. O despotismo colonial folgou de achar na estúpida denuncia de um malvado rabula, que o odio fradesco iniciara na mais vil intriga, um pretexto para aferrolhar nos subterraneos da Ilha das Cobras, por mais de dois annos, e com inaudita barbaridade, não só o nosso poeta Manoel Ignacio, como tambem outros muitos socios da academia litteraria do Rio de Janeiro, que na grey franciscana satyricamente se appellidava *club de Jacobinos*. Foi tal a sanha dos seus victoriosos perseguidores, que estas suas victimas não poderaõ sahir dos humidos e escuros subterraneos senão depois de se repetir mui positivamente de Lisboa a ordem de soltura.

Manoel Ignacio occupou-se de novo em ensinar rhetorica e advogar sempre com credito e geral estimação, até que sentindo os effeitos da vida sedentaria, á que se entregára por uma especie de melancolia, contrahida em sua injusta prisão, terminou a sua vida no dia 1.º de novembro de 1814, tendo vivido perto de oitenta annos.

A mocidade brasileira, principalmente das provincias mais proximas do Rio de Janeiro, onde Manoel I-

gnacio dava lições de eloquencia e de poetica, colherão grandes fructos do seu magisterio; elles ainda hoje apparecem nos escriptos daquelles que ouviraõ suas lições, ou que tendo instruidos depois pelos discipulos de Manoel Ignacio. O impulso que recebera na Europa pela reforma do ensino publico operada no anno de 1772 pelo marquez de Pombal, e que tão bens litteratos dá á nação nessa época, communicou-se por este insigne professor da rhetorica aos brazileiros, muitos dos quaes corresponderão per seus trabalhos litterarios aos seus patrioticos desvelos. A eloquencia, contida até entã nas decarnadas formas de dissertações theologicas, lidando desgraçadamente com as antitheses e conceitos que cansavaõ o espirito sem tocar o coração, tomou um nobre vôo, e seguindo a carreira luminosa dos oradores romanos e francezes descobriu no Brasil genios admiraveis, que marcão a era da renovação da boa litteratura, e a continuação dos novos estudos a que a mocidade se entregára com gloria. Talvez que sem as lições de Manoel Ignacio não tivessem apparecido nas cadeiras sagradas do Rio de Janeiro os Frias, os Rodovalhos, os S. Carlos, os Sanipaios, os Ferreiras d'Azevedo os Oliveiras, os Alvernes, e outros pregadores de nomeada, que, deixando os habitos da antiga escola abrião carreira luminosa aos que annunciaõ com mais dignidade e efficacia as doutrinas da nossa santa religião.

Manoel Ignacio concebeu a idéa

de crear no Rio de Janeiro uma poesia e um theatro brasileiro. Animado pela estimação do protector das Lettras o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, elle prestou-se de bom grado aos conselhos do seu particular amigo José Bazilio da Gama no estabelecimento de uma Arcadia, que se ramificou em Minas Geraes, e da qual ainda nos restaõ excellentes poesias. Esta associação foi logo accrescentada com outros ramos de Philologia, que a tornaraõ utile e de honra á nossa patria. Claudio Manoel da Costa pelos seus poemas, que se podem ler no Parnazo Brasileiro, dá provas dessa associação de arcades, que por algum tempo abrilhantára a comarca do Rio das Mortes em Minas. Manoel Ignacio pela sua satyra aos vicios, pelo seu poemeto em louvor das artes, pelas suas odes e canções á Vasconcellos na fundação de excellentes obras publicas com que afortunoseara a cidade do Rio de Janeiro e que tambem se encontraõ no Parnazo Brasileiro, deixou viva lembrança do seu ardente zelo pelo culto das musas. Os seus esforços nesta parte foraõ até fazer crear um pequeno theatro domestico, onde é hoje o palacio do visconde do Rio Comprido para nelle ensaiarem-se algumas composições comicas e tragicas, tanto de seus discipulos, como de seus amigos: ellas eraõ depois censuradas em jury particular dos arcades, até que levadas á maior perfeição pela lima de seus auctores se tornassem dignas de serem representadas no theatro publico do Rio. Al-

gumas dessas peças ahí foraõ applaudidas; mas a falta de impressão fez cahir em esquecimento, e até os nomes de seus auctores foraõ devorados pela negligencia.

Cheio da idéa de que o Brasil apresenta objectos magestosos e grandes como solo virgem ha pouco sahido das mãos da natureza, enriquecido de preciosos thesouros, quiz Manoel Ignacio crear uma poesia tambem nova e brasileira, que se proporcionasse aos grandes sentimentos que deixa nas almas dos philosophos pensadores o aspecto deste paiz por tantos motivos admiravel. A empresa era grande de certo; e a honra de a tentar levou Manoel Ignacio aos primeiros passos de taõ difficultosa carreira. Substituindo em suas composições aos similes sedicões e velhos similes brasileiros mais arrebatadores e de melhor monta, elle queria assim por seu exemplo chamar os estudiosos a uma occupação mais patriotica e de maior novidade, casando a poesia com a musica, porque a experiencia o convencia que ella muito se prestava ao nosso genio; compéz elle os seus *Rondós*, cantando assim as nossas arvores, fructos, flores, montanhas, rios, e florestas, com tal harmonia, que parece que a musica acompanha necessariamente o pensamento do poeta. A' esta colleção de *Rondós*, que um seu discipulo fizera publicar em Lisboa, junton elle harmoniosos *Madrigaes*, que podem ser modelos aos que se derem a taõ sentimentaes composições.

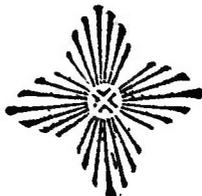
Desgraçadamente não era ainda che-

gado o tempo de tão almejada reforma; a dependencia colonial fazia necessaria a das letras. Nem os *Rondós*, nem os *Madrigaes* nem outras composições de Manoel Ignacio, eminentemente brasileiras, tiverão em seus dias a voga que entã merecerão outras poesias suas adubadas com as figuras e donaires da poesia portugueza. O Tejo e o Mondego eraõ mais applaudidos nos versos do que o Amazonas e o Prata; o louro e o myrto muito mais do que a mangueira e o cajueiro; flores cahiaõ da penna dos poetas que nunca se haviaõ offerecido a vistas brasileiras, e a mythologia com todo o seu numeroso cortejo empunhava despotica o sceptro de seu dominio. A idéa do nosso poeta não foi ainda assim perdida; porque novos genios vão apparecendo na terra de Santa Cruz, levando ávante a difficullosa empresa de proporcionar a nossa poesia á grandeza dos objectos que de todas as partes nos cercaõ. Assim tambem o theatro se vai enriquecendo de peças brasileiras, moldadas por exemplares da nova escola, que na Europa tem feito grandes progressos.

Manoel Ignacio voltando de Lisboa recebeu a patente de coronel de mi-

licias dos homens pardos da sua comarca do Rio das Mortes; era do côr e semblante carregado, e de falla pausada, estatura alta, repleta, e forte. O seu gosto e delicada critica em todos os ramos de litteratura ainda se fazem conhecer em suas poesias, e sentia-se complacientemente no seu trato familiar. A estimação que elle consagrava aos seus dicipulos, quando nelles lobrigava talentos e genio, eraõ o assomo do merito em que depois appareceriaõ e talvez uma recommendação respeitavel para quem sabia apreciar as raras qualidades de tão distincto philologo. Fôra uma honrosa empresa publicar em uma só collecção as muitas e boas poesias que sahiraõ da sua penna e que avulsas correm o mundo litterario estampadas em diversas épochas mas já que não podemos pagar este tributo de gratidão á memoria de um mestre, a quem devemos instrucção, e nos honrara com sua particular amizade, contentamo-nos em salvar o seu nome da voragem do esquecimento, para que seja conhecido como um dos nossos melhores litteratos, dos nossos bons poetas que honraõ a litteratura brasileira.

O. G. J. C. B.



## GRUTA AMERICANA.

POR ALCINDO PALMIRENO ARCADE ULTRAMARINO, A' TER-  
MINDO SIPILIO . ARCADE ROMANO.

*Por Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga á José Bazilo da Gama.*

N'um valle estreito o patrio rio desce  
De altissimos rochedos despenhado  
Com ruido, que ás feras ensurdeco.  
Aqui na vasta gruta socegado  
O velho pai das Nynphas tutelares  
Vi sobre urna musgosa reco.tado ;  
Pedacos d'ouro bruto nos altares  
Nacem por entre as pedras preciosas,  
Que o Céu quiz derramar nestes logares.  
Os braços dão as arvores frondosas  
Em curvo amphitheatro, onde respiraõ  
No ardor da sesta as Dryades formosas.  
Os Faunos petulantes, que deliraõ  
Chorando o ingrato amor - que os atormenta,  
De tronco em tronco nestes bosques giraõ.  
Mas que soberbo carro se apresenta ?  
Tigres e antas fortissima Amazona  
Rege do alto logar, em que se assenta.  
Prostrado aos pés da intrepida Matrona,  
Verde, escamoso jacaré se humilha,  
Amphibio habitador da ardente zona.  
Quem és do claro Céu inclita filha ?  
Vistasas pennas de diversas côres  
Vestem e adornaõ tanta maravilha.  
Nova grinalda os Genios e os Amores  
Lhe offerecem, e espalhaõ sobre a terra  
Rubins saphiras, perolas e flores.  
Juntaõ-se as Nymphas que este valle encerra,  
A Deosa acena e falla: o monstio enorme  
Sobre as mãos se levanta, e a aspera serra  
Escuta, o rio pára o vento dorme,  
,, Brilhante nuvem d'ouro  
Realçada de branco, azul e verde,

Nuncia de fausto agouro,  
 Veloz sobe e da terra a vista perde,  
 Levando vencedor dos mortaes damnos.  
 O Grande Rei José d'entre os humanos.  
 „ Quando ao Tartareo açoita  
 Gemem as portas do profundo Averno,  
 Igual à espessa noite  
 Voa a infausta Discordia ao ar superno,  
 E sobre a Lusa America se avança  
 Cercada de terror, ira, e vingança;  
 „ Eis a guerra terrivel  
 Que abala, atemorisa, e turba os povos,  
 Erguendo escudo horrivel,  
 Mostra Esphinge, e Medusa, e monstros novos;  
 Arma de curvo ferro o iniquo braço:  
 Tem o rosto de bronze, o peito d'aço.  
 „ Palida, surda, e forte,  
 Com vagaroso passo vem soberba  
 A descarnada morte.  
 Com a miserrima triste fome acerba;  
 F a negra peste, que o fatal veneno  
 Exhala aq longe e offusca o ar sereno.  
 „ Ruge o Leaõ Ibero  
 Desde Europa troando aos nossos mares,  
 Tal o feroz Cerbero  
 Latindo assusta o reino dos pesares.  
 E as vagas sombras ao trifauce grito  
 Deixaõ medrosas o voraz Cocyto;  
 „ Os montes escavados,  
 Do vasto mar eternas atalaias,  
 Vacillaõ assustados  
 Ao ver tanto inimigo em nossas praias.  
 E o pó sulphureo, que no bronze soa,  
 O Céu, e a terra, e o abysmo atrôa.  
 „ Os ecos pavorosos  
 Ouviste, ó terra aurifera e fecunda,  
 E os peitos generosos,  
 Que no seio da paz a gloria inunda,  
 Armados correm de uma e de outra parte  
 Ao som primeiro do terrivel Marte.  
 „ A hirsata Mantiqueira,

Que os longos campos abraçar presume,  
 Viu pela vez primeira  
 Arvoradas as Quinas no alto cumo,  
 E marchar as esquadras homicidas  
 Ao rouco som das caixas nunca ouvidas.  
 „ Mas oh Rainha augusta,  
 Digna Filha do Céu justo e piedoso,  
 Respiro, e não me assusta  
 O estrepito e tumulto bellicoso,  
 Que tu lanças por terra n'um só dia  
 A discordia, que os povos opprimia,  
 „ As horridas phalanges,  
 Já não vivem d'estrago e de ruina,  
 Deixaõ lanças e alfanges,  
 E o elmo triplicado, e a malha fina;  
 Para lavrar a terra o ferro torna  
 Ao vivo fogo e á rigida bigorna.  
 „ Já cahem sobre os montes  
 Fecundas gotas de celeste orvalho;  
 Mostraõ-se os horisontes,  
 Produz a terra os fructos sem trabalho;  
 E as nuas Graças, e os Cupidos ternos  
 Cantaõ á doce paz hymnos eternos.  
 „ Ide, sinceros votos,  
 Ide, e levai ao Throno Lusitano  
 Destes climas remotos  
 Que habita o forte e adusto Americano,  
 A pura gratidaõ e a lealdade,  
 O amor, o sangue, e a propria liberdade. „  
 Assim fallou a America ditosa,  
 E os mosqueados tigres n'um momento  
 Me roubaraõ a scena magestosa.  
 Ai, Termindo, rebelde o instrumento  
 Não corresponde á mão, que já com gloria  
 O fez subir ao estrellado assento.  
 Sabes do triste Alcindo a longa historia,  
 Não cuides que os meus dias se serenaõ,  
 Tu me guiaste ao Templo da Memoria  
 Torna me ás Musas, que de lá me acenaõ.

( R. Trimensal. )

CONCLUSÃO DA HISTÓRIA DE  
HILPA E SHALUM.

Hilpa ficou tão agradada da carta de Shalum, que em menos de um anno enviou-lhe a seguinte resposta:

*Hilpa, senhora dos valles,  
Shalum, senhor do monte  
Tirzah.*

*No anno 789 depois da  
creação do mundo.*

„ Que tenho eu contigo, oh Shalum! Tu louvas a formosura de Hilpa; mas, dize, não estarás antes mais namorado da belleza de seus prados? Por ventura não te apraz mais a perspectiva de seus verdes e floridos valles do que a vista da sua pessoa? Os mugidos tanto de meus gados, como de meus rebanhos, produzem um écho agradável nas tuas montanhas, e são docemente em teus ouvidos. Se bem que muito me agrada os brandos movimentos das tuas florestas, e os deliciosos perfumes, que ardem no cume do Tirzah: o que!

São estas riquezas para se compararem com as dos valles?

Eu conheço-te, oh Shalum! Tu és o mais sabio, e o mais feliz de todos os filhos dos homens. Tu vives no centro dos cedros; conheces a diversidade dos terrenos, entendes da influencia dos astros, e observas a mudança das estações. Póde acaso uma mulher parecer amavel aos olhos de um homem dotado de tão raro engenho? Não me inquietes, oh Shalum! Deixa-me, em paz, desfructar os muitos e preciosos bens, que me tocárão por sorte. Em vão pretendes tu reduzir-me a sympathisar com teus desejos, á força de delicadas e seductoras expressões. Possão as tuas arvores crescer, e multiplicar-se até ao infinito; mas, não tornes a chamar Hilpa para destruir a tua solidão, e provar o teu retiro. „

Referem os Chinas que ella pouco tempo depois foi assistir a hum banquete n'uma das proximas collinas, para o qual Shalum a convidára. Du-

rou aquelle banquete dous annos; e dizem que custára a Shalum quinhentos veados, dous mil abestruzes, e mil toneladas de leite; mas, o que o tornou mais apreciavel e sumptuoso, foi a prodigiosa variedade de deliciosas frutas, no que pessôa nenhuma d'aquelle tempo era capaz de igualar, quanto mais exceder a Shalum.

Elle hospedou-a na latada de jasmims e roseiras, que plantára no bosque dos rouxinóes. Era composto aquelle bosque de todas as arvores, que são mais proprias para as diversas especies de passaros; de maneira que para alli atrahira toda a musica do paiz, e em todas as estações, desde o principio até ao fim do anno, n'elle resoavão os mais agradaveis concertos.

Cada dia lhe mostrava elle alguma linda e admiravel scena, n'aquella nova região de arvoredos; proporcionáram-se-lhe d'este modo muitas occasiões de communicar-lhe seus sentimentos, e com

effeito; testemunhou-lhe tanto amor, tantos extremos, que ella, no momento da partida, fez-lhe uma especie de promessa, e comprometteo-se, debaixo de palavra; a dar-lhe uma resposta positiva no fim de cincoenta annos.

De volta a seus valles, não passou muito tempo sem que recebesse novos offercimentos, e logo depois uma esplendida visita de Mishpach, homem rico e poderoso, que edificára uma grande cidade, e lhe déra o seu proprio nome. Todas as casas haviam sido feitas para durar mil annos, algumas até estavam arrendadas por tres vidas: de maneira que os que hoje existimos, não podemos imaginar bem a quantidade de pedra e madeiras, que se gastarão na extraordinaria construcção d'aquella cidade. Este grande homem divertio-a com a doce harmonia de instrumentos recentemente inventados, e dançou na sua presença ao som do pandeiro. Tambem a presenteou com

varios utensilios domesticos de ferro e cobre, que elle de proximo mandára fabricar para conveniencia da vida. N'este meio tempo, vivia Shalum em continuo sobresalto, e deo-se por tão offendido da obsequiosa recepção, com que Hilpa honrara Mishpach, que não lhe escreveo, nem n'ella fallou, durante uma revolução inteira de Saturno; porém, vendo que aquelle conhecimento não passava de uma simples visita, de novo dirigio suas expressões amorosas áquella, que, em quanto durou tão dilatado silencio, não deixára de vez em quando de ter saudades e soltar suspiros, considerando de longe o Monte Tirzah.

Hilpa ainda se mostrou indecisa, pelo espaço de vinte annos mais, entre Shalum e Mishpach; por quanto, se bem que o primeiro fosse do seu agrado, e até por elle sentisse paixão, fallava-lhe o interesse de uma maneira irresistivel a favor do segundo. Estava seu coração n'esta in-

certeza, quando sobreveio um acontecimento, que determinou a sua escolha. Havia em Mishpach uma torre mui alta, feita de madeira; um raio incendiou aquella torre, o fogo communicou-se ás cazas vizinhas, e foi progredindo, até que ficou toda a cidade reduzida a cinzas. Resolveo Mishpach reedificá-la a todo o custo: e como já houvesse consumido toda a madeira do paiz, teve de recorrer a Shalum, cujos mattos havia então duzentos annos que estavam plantados. Comprou, pois, aquelles mattos a troco de tantos gados e rebanhos, e de tão vasta extensão de campos e pasto, que Shalum de repente se vio senhor de muito mais riqueza do que Mishpach; e foi tão agradavel a impressão, que esta feliz mudança na sua fortuna causou a Hilpa, suas excellentes qualidades realçarão então tanto a seus olhos, que ella não differio por mais tempo a dadiva da sua mão. Passados alguns dias, Shalum recebeu em seus

braços a formosa Hilpa, a qual já não via obstaculos que se podessem oppôr á ventura do poderoso, amavel, constante, e extremoso Shalum.

*Addison.*

— Andava o grande actor Talma visitando os diversos departamentos da França; chegando a Bordeaux, recebeu a seguinte carta:

*Ao filho de Melpomene.*

Acho-me destituido, sr., de todos os recursos; restão-me só seis francos; e agora justamente que me disponho a terminar minha existencia, acabo de saber que vindes honrar esta cidade com a vossa furiosa presença. Pretendo, portanto, differir o meu projecto; e como zeloso admirador de vossos talentos, que pela voz da fama tem chegado ao meu conhecimento, vos supplico que apresseis a vossa viagem, para eu poder admirar-vos e morrer. Cedei, eu vos imploro, aos rogos de um vosso semelhante, que não podendo viver senão quatro dias mais, repartio pela maneira seguinte a quantia, que lhe resta:

Sustento para quatro dias	3 fr.
Um bilhete de platéa	2 „ 50 c.
<i>Veneno.</i>	„ 50 c

Total. 6 fr.



## ANECDOTA.

Um deputado da camara franceza, pai de 6 filhos exercendo todos os cargos publicos, subio á tribuna para fallar a favor de uma proposta ministerial. Um seu collega, membro da opposição, quiz vêr se o continha, reprehendendo-o d'esta maneira: — Amigo! Olhe que seus filhos já estão todos empregados. — *E' verdade, respondeo o orador, mas é que minha mulher está outra vez pejada.*

## ADEVINHAÇÃO.

Ha um par, que é macho e femea,  
De igual matéria formados;  
Pela má condição d'elle,  
Estão sempre separados:

Elle as vezes que a procura,  
E' sempre para a zurzir;  
Porque o que lhe dá são sovas,  
Que ella soffre sem fugir:

Ella não se fez sem elle;  
Elle não se fez sem ella;  
Saber qual se fez primeiro,  
Não é qualquer bagatella!

Consiste em duas perguntas  
Esta grande confusão:

Qual primeiro se faria?  
E a femea e o macho quem são?

A charada do n.º antecedente exprime a palavra — Mesario.

Ouro Preto, 1848. Typ. Imp. de  
B. X. P. de Sousa.